

Gêneros jornalísticos: um panorama dos trabalhos apresentados em 2013/14 no Congresso Intercom¹

Marli dos Santos²

Faculdade Cásper Líbero - FCL

Izabel Meo³

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

Carlos Ferreira Junior⁴

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Resumo

Este artigo faz parte de uma ampla pesquisa sobre a produção acadêmica em gêneros jornalísticos (GJ) nos 10 anos do Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos da Intercom, criado por José Marques de Melo em 2009. O objetivo é realizar um levantamento do perfil desses trabalhos em 2013 e 2014. Para tanto, foram analisados os anais publicados no site da Intercom neste período. Trata-se de uma pesquisa com abordagem quantitativa, por meio da aplicação de formulário padronizado. O estudo mostrou que os trabalhos expressam tendências em relação aos estudos de GJ como manifestações das práticas no jornalismo digital (webjornalismo, ciberjornalismo ou Jornalismo Digital em Base de Dados), e no jornalismo especializado, como também no telejornalismo, no radiojornalismo e no impresso, meios de comunicação tradicionais. Verificou-se ainda a importância do GP para fomentar novos estudos sobre GJ na contemporaneidade.

Palavras-chave: Gêneros Jornalísticos; Grupo de Pesquisa; Anais Intercom

Introdução

Este artigo tem como tema o perfil dos trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa (GP) Gêneros Jornalísticos da Intercom, referente aos anos de 2013/14. Faz parte de uma pesquisa mais ampla, que abrange os 10 anos do GP, fundado por José Marques de Melo, um dos pesquisadores mais referenciados no Brasil quando se trata de gêneros jornalísticos. Marques de Melo se inspirou em seu mestre, Luiz Beltrão, e é a partir dele que o pesquisador se dedica ao tema. Em “A opinião no Jornalismo

1 Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém, PA, 02 a 07/09/2019.

2 Docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, vice-coordenadora do GP Gêneros Jornalísticos. Email: msantos@casperlibero.edu.br

3 Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do Grupo de pesquisa Jornalismo contemporâneo, práticas para a emancipação social na cultura tecnológica. Email: izabel.meo@gmail.com

4 Docente e doutorando na Universidade Estadual Paulista, mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Email: carlosferreira_jr@yahoo.com.br

Brasileiro”, livro lançado em 1983, resultado da tese de livre-docência do autor na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), é apresentada uma análise sobre os gêneros jornalísticos no Brasil. Marques de Melo considera que os mesmos são a expressão do seu tempo, ou seja, que eles evoluem, apresentando novos formatos e atendendo a determinadas funções.

A partir dessa obra, Marques de Melo realiza diversas pesquisas em jornais impressos brasileiros, com o objetivo de atualizar a classificação proposta, alguns publicados em livros, dos quais os principais são: “A Opinião no Jornalismo Brasileiro” (1983); “Gêneros Jornalísticos no Brasil” (2010), organizado por Marques de Melo e Francisco de Assis; “Gêneros jornalísticos: teoria e práxis” (2012), entre outras obras. Em termos de teses e dissertações foram inúmeros os trabalhos orientados por ele, sendo que os mais recentes aprofundaram sua nova proposta de classificação, que passou de dois gêneros (Informativo e Opinativo) para cinco (Informativo, Interpretativo, Opinativo, Utilitário e Diversional).

Outros autores brasileiros, além de Luiz Beltrão, também se destacaram no Brasil. O pesquisador Manuel Carlos Chaparro, que em “Sotaques d’aquém e d’além mar – travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos” (2008) faz uma proposta de classificação baseada nas ciências da linguagem, discutindo a perspectiva teórica apresentada por Marques de Melo em “A opinião no jornalismo brasileiro”.

Sob este referencial, o objetivo deste trabalho é realizar um levantamento do perfil dos trabalhos apresentados no GP Gêneros Jornalísticos da Intercom, em 2013 e 2014. A metodologia adotada é a quantitativa, com aplicação de formulário com questões abertas e fechadas (total de 24 questões, que abrangeram desde aspectos ligados ao pesquisador e sua origem institucional, bem como a abordagem dos gêneros nos estudos apresentados). Após a sistematização dos dados, por meio de elaboração de gráficos para as questões fechadas e abertas, foi realizada a análise dos resultados.

Nos anos de 2013 e 2014 o Grupo de Pesquisa Gêneros Jornalísticos contou com 30 artigos, dos quais 13 foram apresentados em 2013 e 17, em 2014, sendo que um dos textos de 2013 foi desconsiderado por ter sido suspenso dos Anais Intercom disponível no site da entidade⁵. Dessa forma, temos 43% dos trabalhos referentes a 2013, e 56% de artigos publicados nos Anais de 2014, representando um crescimento de 13% em relação ao ano anterior. Essa diferença, que não é tão relevante, pode estar relacionada

5 Mais informações em <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/2013>.

ao local em que foi realizado o evento, de maior acesso por diversos meios de transporte, ou seja, Foz do Iguaçu, no Paraná, enquanto o evento de 2013 foi realizado em uma cidade do Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul, menos acessível aos participantes. Porém, não é possível estabelecer outras leituras em relação ao volume de trabalhos entre um ano e outro.

Enquanto isso, no cenário político brasileiro, 2013 foi especialmente marcado pelos movimentos políticos de junho, consequência inicialmente do aumento do preços dos transportes em cidades brasileiras e cujas manifestações se avolumaram ao ponto de se configurarem como a maior onda de protestos no país, com características de um movimento descentralizado, de repúdio a grande mídia, que se articulou no âmbito das redes sociais e se materializou nas ruas. Em 2014, a campanha a reeleição de Dilma Rousseff foi o assunto principal. Nem a Copa do Mundo de Futebol foi capaz de acalmar os ânimos acirrados. A ampla cobertura da Operação Lava a Jato e a sua publicidade em diversos meios levaram o país a uma reação contra o governo da então presidente da república e de seu partido em pleno ano eleitoral. Esses acontecimentos também foram amplamente discutidos na academia, especialmente os movimentos de junho, sua estratégia de articulação e de adesão. A mídia alternativa, como o *Mídia Ninja*, se consagra como narrativa legítima do movimento.

No que se refere aos estudos de gêneros jornalísticos nesse breve período o jornalismo na internet também emerge como elemento crucial para se pensar os gêneros na contemporaneidade. Diferentemente do que acontecera nos anos 1990, conforme cita Marques de Melo (2010), em que há um claro desinteresse da academia nesse subcampo de estudos do jornalismo, a criação do GP Gêneros Jornalísticos na Intercom e o lançamento do livro “Gêneros Jornalísticos no Brasil”, que repensa organizado por Marques de Melo e Francisco de Assis, além dos estudos de Lia Seixas, que publica em 2009 o livro “Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação”, publicado pelo Labcom da Universidade da Beira Interior, em Portugal, são combustíveis para que novos estudos surgissem.

Daniela Bertochi, em “Gêneros no ciberjornalismo”, capítulo do livro organizado por Marques de Melo e Assis, reflete sobre o impacto do meio de comunicação na produção jornalística e na emergência de novos formatos. Não à toa sete trabalhos (equivalente a 25% no período) discutem gêneros na internet (web).

Gêneros jornalísticos no Brasil

Os estudos pioneiros sobre gêneros jornalísticos são atribuídos a Jacques Kayser, que teve produção relevante sobre o tema, divulgada em seu livro póstumo, lançado em 1963, “El periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada”. Esse papel de referência, que partiu da França para o mundo com Kayser, coube mais tarde a Martínez Albertos, na Espanha, depois a Irena Tetelowska, da Universidade de Cracóvia. No Brasil, os gêneros jornalísticos, como recorte importante dos estudos da imprensa, se disseminou a partir de Luiz Beltrão, da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, especialmente na trilogia “A imprensa informativa (1969), Jornalismo Interpretativo (1976) e Jornalismo opinativo (1980)” (MARQUES DE MELO, 2010, p. 15-16).

Marques de Melo também destaca que outros autores brasileiros, como Rizzini (1957) e Werneck Sodré (1966), fazem registros em seus estudos sobre a narrativa jornalística, mas não há um registro aprofundado sobre estudos nessa área no Brasil que pudessem delinear trajetória e eventuais perspectivas de gêneros jornalísticos entre os pesquisadores. De fato, além de Beltrão em 1983, é o próprio Marques de Melo que lança o livro “A opinião no jornalismo brasileiro”, resultado de sua tese de livre-docência, tornando-se um dos pesquisadores mais referenciados no Brasil quando se trata de gêneros jornalísticos. A oferta da disciplina na pós-graduação *stricto sensu* oferecida pelo pesquisador alagoano, bem como sua atuação como pesquisador em universidades brasileiras, especialmente a Universidade Metodista de São Paulo, demarcaram um território de estudos empíricos no qual ingressantes nos cursos de mestrado e doutorado tornaram-se produtores de pesquisas e nucleadores de estudos sobre gêneros no Brasil em suas localidades de origem.

Nesse sentido, outros pesquisadores se destacaram nesse campo de estudos, como Manuel Carlos Chaparro, referência importante, que realizou um debate sobre o paradigma até então adotados nos estudos de Marques de Melo, que separava informação de opinião. Sobre as contribuições dadas por autores no campo, Lailton Costa (2010) apresenta um estado da arte naquele momento, tendo como referência a taxonomia proposta por Marques de Melo, que evoluiu de uma classificação que separava gênero informativo de opinativo, para um rol de cinco gêneros, e seus respectivos formatos, resultado de pesquisas empíricas realizadas pelo autor.

Costa reconhece, em sua revisão, a dificuldade em apreender o conceito de gêneros jornalísticos, atribuída à fragmentação das práticas jornalísticas em diferentes meios. O autor chega a questionar se é “possível apresentar um conceito de gênero jornalístico que se sobreponha à diversidade de mídia?” (2010, p. 47). De todo o modo, Costa traz uma definição de gênero:

um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo pelo processo de transmissão de informações por meio de uma mídia/suporte. (COSTA, 2010, p. 47, grifo do autor).

Mas alguns autores tratam de outros critérios para a classificação de gênero. Lia Seixas (2009) apresenta um levantamento sobre esses autores e critérios adotados, citando os aspectos considerados por autores espanhóis para definição do gênero, como característica do texto, autoria, temporalidade do fato, tema, entre outros, como aspectos considerados como importantes para a classificação de gêneros, identificando “um critério-chave: função ou finalidade”. A pesquisadora identifica nos autores espanhóis, especificamente da Universidade de Navarra, nos norte-americanos e nos brasileiros a recorrência desse critério. “No Brasil, Luiz Beltrão falava de função, enquanto José Marques de Melo classificou os textos produzidos pela indústria jornalística por ‘intencionalidade dos relatos’ e ‘natureza estrutural dos relatos’” (2009, p. 63).

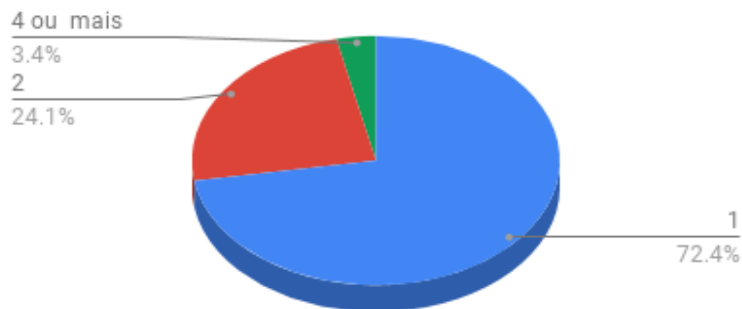
Mas neste artigo não pretendemos nos aprofundar sobre o tema, uma vez que outros pesquisadores já fizeram isso. Aqui adotamos a classificação mais recente de José Marques de Melo, e o critério função ou funcionalidade, pela relevância que o autor tem nos estudos de gênero. Na taxonomia proposta por ele, são cinco os gêneros e respectivos formatos: Informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista), Opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta), Interpretativo (dossiê, perfil, enquete, cronologia), Utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço) e Diversional (história de interesse humano e história colorida), baseada em pesquisa empírica em jornais impressos que depois serão aprofundadas e testadas especialmente em estudos de seus orientandos de doutorado. O último trabalho que orientou aborda gêneros na internet, doutorado realizado por Clarissa Josgrilberg Pereira, intitulado “Jornalismo digital e novas tecnologias: estudo de gêneros e formatos nos principais sites jornalísticos brasileiros” (2018), que apresenta novos formatos a partir da classificação de Marques de Melo. A pesquisadora confirma o impacto do meio nos

formatos na internet, aplicando a matriz impressa para novas descobertas na pesquisa empírica em sites e portais de veículos jornalísticos.

Perfil dos autores e origem institucional

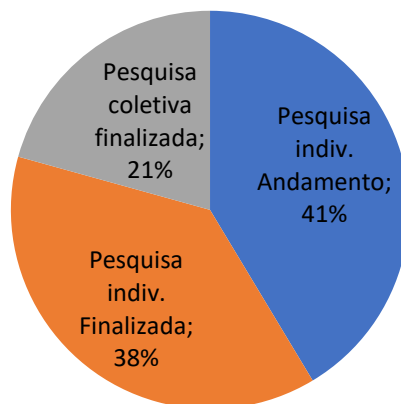
Para oferecer um panorama sobre o perfil dos autores e suas instituições de origem foram aplicadas 8 questões, que abrangem desde quantidade de autores em cada trabalho, ano de publicação nos anais, instituição de origem, tipo de instituição, cidade e estado dessas instituições, titulação e nível do trabalho. A maioria dos trabalhos foi publicada em 2014, com 62,1%, e prevaleceram os artigos de autoria individual, quase 80% entre pesquisas concluídas e em andamento.

Gráfico 1 – Quantidade de autores por trabalho



Fonte: os autores

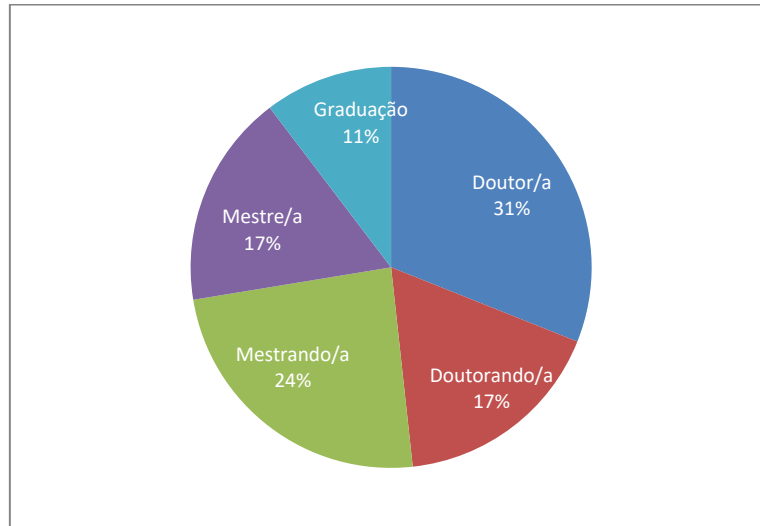
Gráfico 2 – Pesquisa individual ou coletiva finalizada ou em desenvolvimento



Fonte: os autores

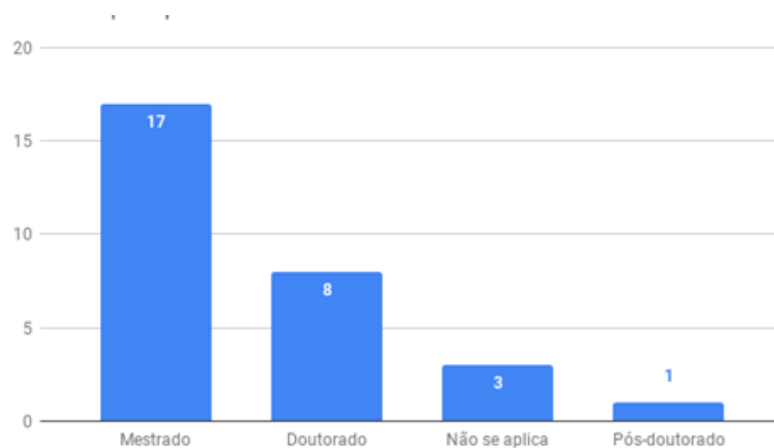
Sobre as autorias observou-se ainda que a titulação prioritária é de doutores/as, 31%, e em segundo lugar, mestrandos/as, 24%. A soma de mestres, doutores, mestrandos e doutorandos extrapola a quantidade total dos artigos em razão de autorias duplas ou acima disso (4 ou mais autores), como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Titulação



Fonte: os autores

Gráfico 4 – Nível da pesquisa

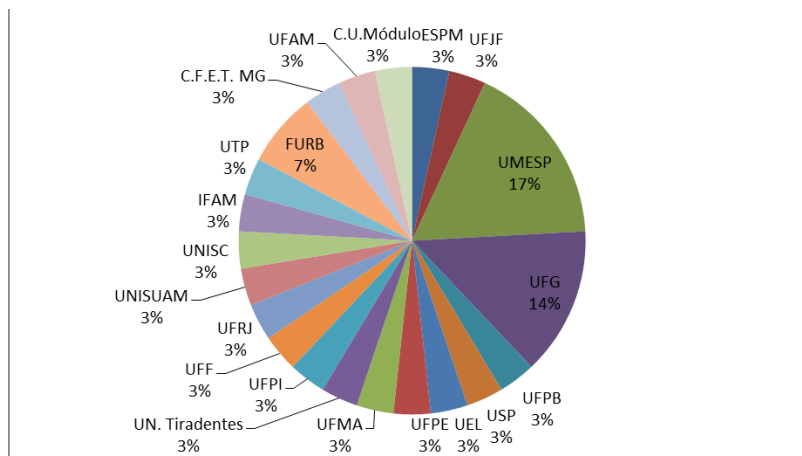


Fonte: os autores

Os trabalhos são originários majoritariamente de duas instituições, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, e Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia/Goiás, uma instituição comunitária e outra pública (embora maioria dos trabalhos apresentados seja originária de universidades públicas, 58,6%). A razão sobre o destaque dessas duas instituições pode

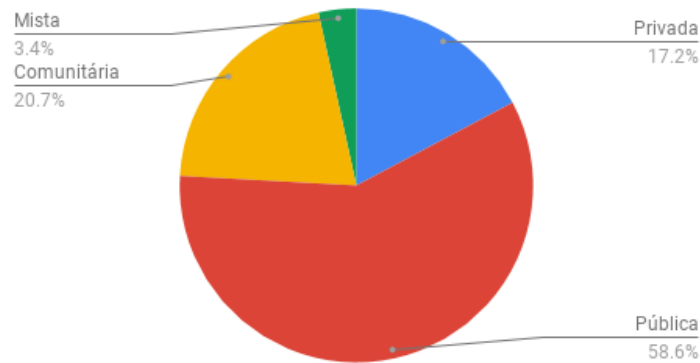
estar relacionada a presença de um dos autores mais citados em gêneros jornalísticos, o pesquisador José Marques de Melo, que atuou na UMESP como docente-fundador da pós-graduação stricto sensu em Comunicação, tendo ocupado o cargo de docente de graduação e pós-graduação, diretor da Faculdade de Comunicação, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e diretor-titular da Cátedra Unesco/Metodista para o Desenvolvimento Regional. No caso da UFG, uma das pesquisadoras que atualmente coordena o Programa de Pós-graduação em Comunicação, Ana Carolina R. P. Temer, foi orientanda de mestrado e doutorado de José Marques de Melo, e é uma das autoras mais presentes nos estudos de gêneros no telejornalismo no Brasil, portanto, trata-se também de nucleação de egressos da UMESP. Apesar da presença majoritária de trabalhos das duas instituições, verifica-se no Gráfico 5 – Universidades de Origem que os autores são originários de 21 instituições diferentes, a maioria públicas, e 20,7% de instituições comunitárias (Gráfico 6), sendo de 14 estados (destaques para São Paulo, 24,1%, Goiânia, 13,8%, Rio de Janeiro, 10,3%, no Gráfico 7) e 18 cidades brasileiras (São Paulo e Goiânia principalmente). Isso demonstra que nesses dois anos estudados a abrangência dos trabalhos sobre gêneros jornalísticos é ampla, de todas as regiões brasileiras, da maioria dos estados e de muitas capitais.

Gráfico 5 – Universidades de origem



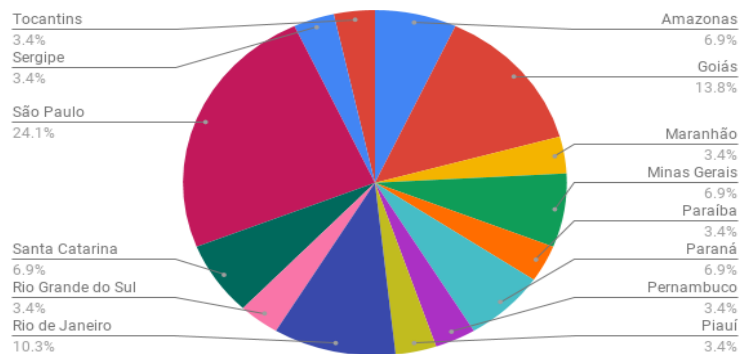
Fonte: os autores

Gráfico 6 – Tipo de instituição



Fonte: os autores

Gráfico 7 – Estado de Origem

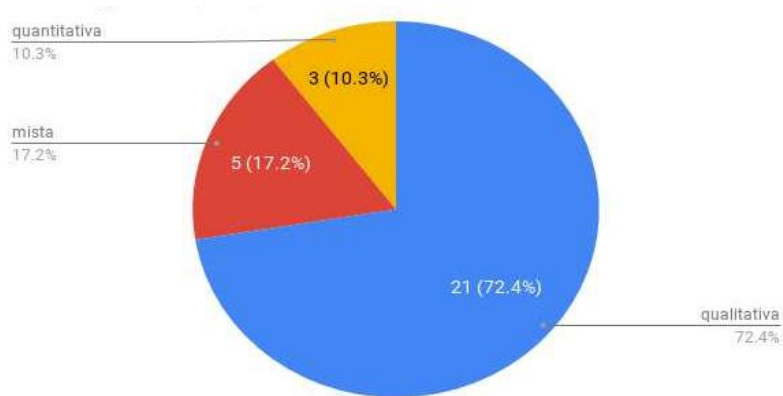


Fonte: os autores

Questões metodológicas

No bloco das questões relacionadas aos procedimentos metodológicos, a pesquisa buscou explorar a clareza na metodologia, bem como tipos de pesquisa, abordagem e técnicas de pesquisa. Quase 76% dos trabalhos apresentados nesse período possuem procedimentos metodológicos claros, expressos nos resumos ou na introdução, com informações que orientam o leitor. Pode-se verificar também que a maioria dos trabalhos, 72,4%, possui abordagem qualitativa (gráfico 8), uma tendência também observada em outros estudos do campo da comunicação. A presença de pesquisas mistas, 17,2%, que acenam para um movimento multiperspectivo na abordagem das pesquisas em gêneros jornalísticos, com uso de técnicas mais diversificadas.

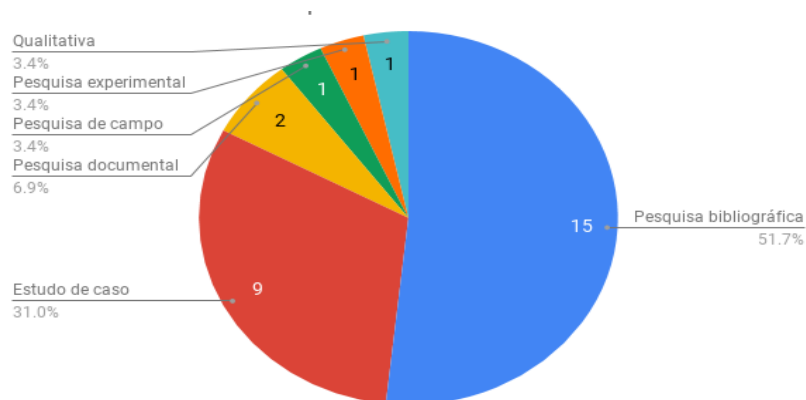
Gráfico 8 – Abordagem da Pesquisa



Fonte: os autores

Em se tratando do tipo de pesquisas apresentadas em 2013/14, verificamos que mais de 50% dos estudos utilizam a pesquisa bibliográfica. Em segundo lugar, 31%, o estudo de caso, o qual requer o uso de técnicas diversificadas de pesquisa. Há também pesquisas de campo, participante e documental.

Gráfico 9 – Tipo de pesquisa

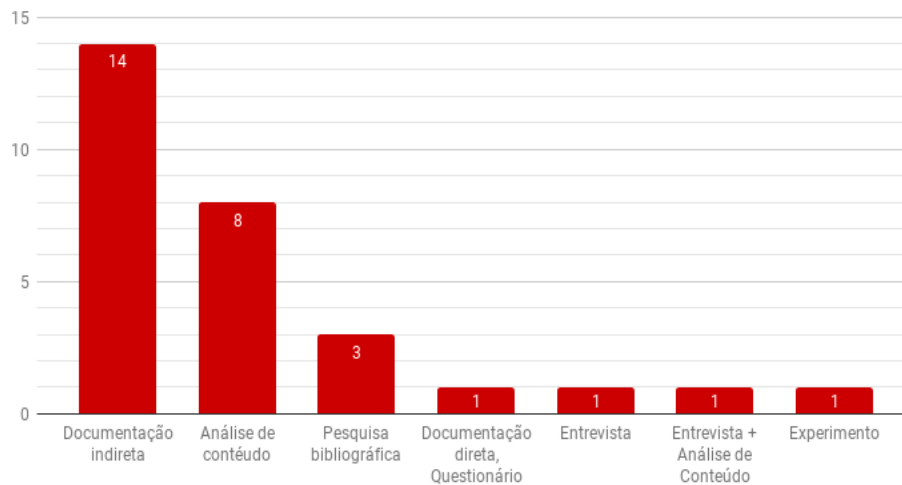


Fonte: os autores

Sobre as técnicas de pesquisa, observa-se inicialmente coerência com a abordagem majoritariamente qualitativa e com os tipos de estudo (bibliográfico e estudos de caso, maioria) já mostrados nos gráficos anteriores. A “documentação indireta” (MARCONI & LAKATOS, 2002) abrange tanto a pesquisa bibliográfica quanto a documental, portanto, representando quase 50% dos trabalhos apresentados (18), sendo que a análise de conteúdo (quantitativa e qualitativa) é a segunda técnica mais adotada, com 8 trabalhos, equivalente a 27,5% dos anais de 2013/14. Apesar de Marques de Melo considerar que a empiria é essencial aos estudos de gêneros, verifica-

se nesses dois anos a prevalência de estudos mais teóricos, com uso de exemplos. O gráfico 10 mostra as técnicas utilizadas pelos pesquisadores.

Gráfico 10 – Técnicas de pesquisa



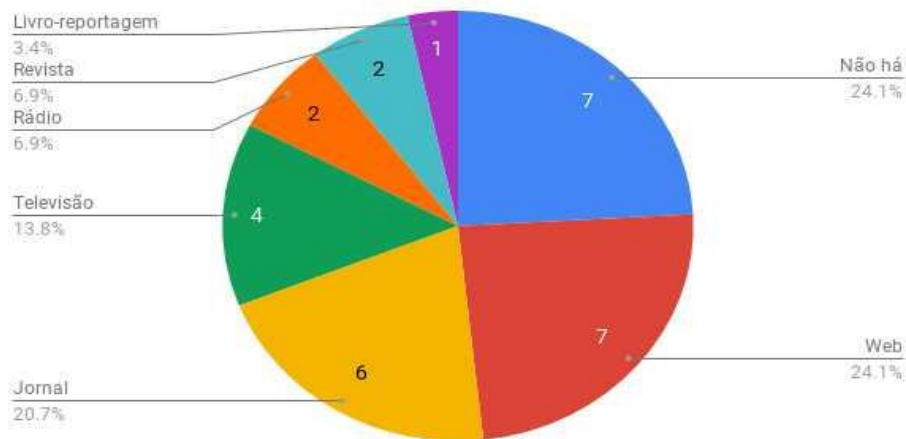
Fonte: os autores

Gêneros e formatos

No próximo grupo de gráficos, apresentamos os resultados sobre aspectos concernentes aos gêneros jornalísticos propriamente ditos, verificando a predominância do meio de comunicação, o foco dos trabalhos, gêneros e formatos recorrentes, bem como os principais autores referenciados.

Pudemos verificar que o meio/veículo predominantemente discutido é a web, seguido do jornal, depois televisão. O fato de a web aparecer como o veículo predominante está em sintonia com as demandas dos estudos de jornalismo na contemporaneidade. Com o impacto da internet e o surgimento (ou mesmo migração de jornais impressos) dos portais e sites noticiosos, associados a grandes grupos midiáticos, o jornalismo digital (FERRARI, 2014), webjornalismo (CANAVILHAS, 2014), ciberjornalismo (SCHWINGEL, 2013) ou ainda jornalismo digital em base de dados (JDBD) (BARBOSA, 2013), algumas das nomenclaturas utilizadas por autores para referirmo-nos às práticas jornalísticas na internet, cujas possibilidades do meio permitem explorar formatos diversos e híbridos, que incluem a multimídia, interatividade, hipertextualidade, memória, customização, atualidade e ubiquidade (CANAVILHAS, 2014).

Gráfico 11 – Predominância do meio/veículo



Fonte: os autores

A maioria dos trabalhos discute um meio especificamente, que somados representam 76% dos trabalhos apresentados. Pouco mais de 24% foca em reflexões teóricas, com a discussão de critérios de classificação e autores. Há menos pesquisas empíricas, de fato, contrariando a perspectiva de Marques de Melo, autor que ressalta a necessidade da empiria para captar a dinâmica dos gêneros e sua evolução ao longo do tempo. Obviamente que a estabilização periódica dos gêneros e formatos é necessária, para que sejam reconhecidos pelos leitores como horizontes de expectativas (CHAPARRO, 2008), mas diversos fatores, a nosso ver majoritariamente o meio e o público, podem demandar novos gêneros e formatos na prática jornalística.

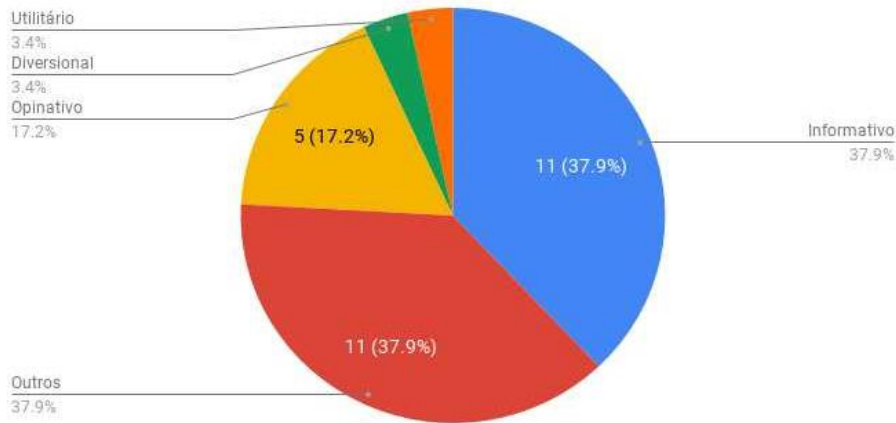
A maioria dos trabalhos (18) tem como foco o conteúdo dos gêneros, discutindo aspectos que abrangem temas, estilos de narrativa, morfologia, entre outros elementos do conteúdo (SEIXAS, 2009). O segundo foco mais presente é quanto à produção do gênero, destacando-se aspectos das rotinas produtivas. Um exemplo disso é um estudo que aborda a elaboração da cibernotícia.

Mesmo assim, observarmos que a questão dos gêneros é mais acessória que principal nos trabalhos apresentados, sendo 62,1%. Alguns trabalhos estão mais focados no jornalismo especializado ou nas relações entre jornalismo e literatura, por exemplo. Mesmo não sendo o foco de todos os trabalhos apresentados no GP, a perspectiva dos gêneros colabora nas análises, como na cobertura política em Palmas (TO), a exemplo.

A maioria dos trabalhos aborda o gênero informativo (37,9%), em seguida, o opinativo (17,2). A primazia dos gêneros informativos, e seus formatos - especialmente a notícia e a reportagem - é notada nos veículos e também nos estudos sobre gêneros

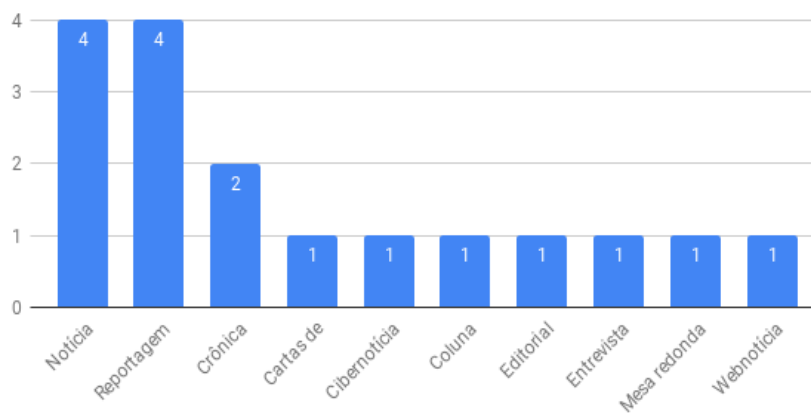
jornalísticos nesse período. Os gêneros interpretativo, diversional e utilitário também aparecem nos estudos, indicando que a nova classificação proposta por Marques de Melo tem aderência entre os pesquisadores.

Gráfico 14 – Gêneros predominantes



Fonte: os autores

Gráfico 15 – Formatos predominantes

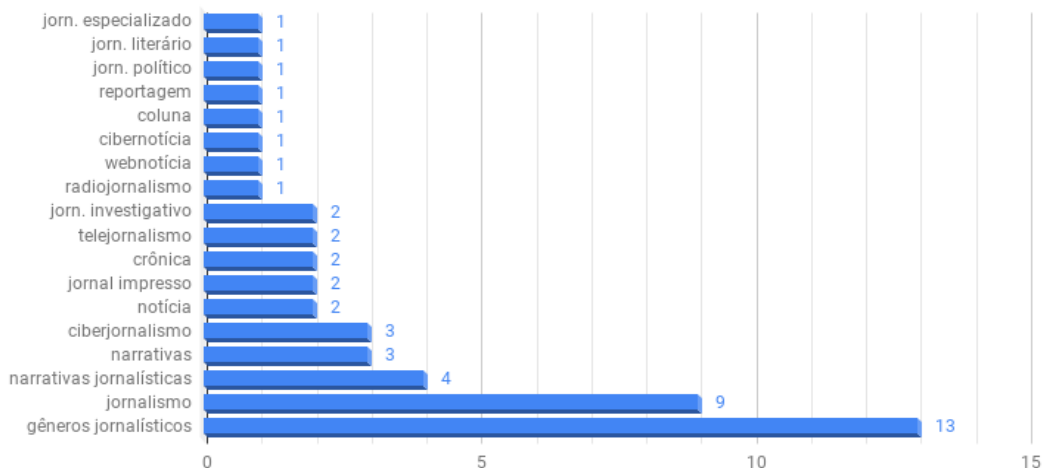


Fonte: os autores

No gráfico que mostra os autores mais referenciados, José Marques de Melo aparece em quase 40% da amostra. Isso não quer dizer que outros estudiosos não sejam mencionados, como Chaparro, Beltrão, por exemplo. Há inclusive autores que não se dedicam especificamente ao estudo de gêneros jornalísticos, mas aparecem como autores especializados no ciberjornalismo, jornalismo político, jornalismo literário, jornalismo investigativo, entre outros.

Entre as palavras-chave mais recorrentes estão gêneros jornalísticos (13) e na sequência jornalismo (9), depois narrativas jornalísticas (4). Há referências aos formatos estudados: crônicas, editoriais, colunas, reportagem, notícia (webnotícia, cibernotícia), e várias referências a jornalismo especializado.

Gráfico 16 – Palavras-chave mais recorrentes



Fonte: os autores

Considerações finais

A criação do GP Gêneros Jornalísticos da Intercom, em 2009 pode ser compreendida como uma estratégia para concentrar e estimular os estudos nesse subcampo do jornalismo, uma vez que a produção de duas obras inéditas, a de José Marques de Melo e Francisco de Assis, e a de Lia Seixas, chamam a atenção para a necessidade de novas empreitadas empíricas e reflexões acerca do tema. Criar um grupo de pesquisa sobre o tema pode parecer anacrônico, visto que a maioria das pesquisas historicamente gira em torno do impresso, que sofreu uma crescente e angustiante redução de títulos no mercado jornalístico, voltado agora à internet. Mas os jornais e revistas continuam a ser uma grande influência nas práticas dos profissionais e na cultura jornalística, de modo que a ascendência do digital não exclui a importância de estudos anteriores, cuja matriz é o impresso.

Pesquisar e discutir sobre gêneros jornalísticos na contemporaneidade é uma maneira de jogar luzes às práticas jornalísticas, às estratégias editoriais, às narrativas e suas linguagens em diversos meios, à autoria e à padronização, entre outros aspectos que podem e devem ser explorados. Os anais Grupo de pesquisa Gêneros Jornalísticos,

nos anos de 2013 e 2014, expressam preocupações e tendências em relação aos gêneros como manifestações das práticas no jornalismo digital (webjornalismo, ciberjornalismo ou Jornalismo Digital em Base de Dados), mas também no telejornalismo, no radiojornalismo e no impresso, meios tradicionais. Certamente a análise da trajetória do grupo nesses dez anos permitirá uma leitura mais ampla sobre as questões apontadas de maneira preliminar neste artigo. Esperamos que sirvam de convite aos pesquisadores para se embrenharem na aventura da pesquisa sobre gêneros jornalísticos.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e Mobilidade: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis**. Covilhã, Portugal: Labcom, Universidade da Beira Interior, 2013
- BERTOCHI, Daniela. Gêneros no ciberjornalismo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, Editora Metodista, 2010
- CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo. 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Labcom Universidade da Beira Interior, 2014.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquem e d'alem mar. Travessias para uma nova teoria de gêneros**. São Paulo: Summus, 2008.
- COSTA, Lailton Alves. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, Editora Metodista, 2010.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARQUES DE MELO, José. Introdução. In: In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, Editora Metodista, 2010.
- PEREIRA, Clarissa J. **Jornalismo digital e novas tecnologias: estudo de gêneros e formatos nos principais sites jornalísticos brasileiros**. Tese (doutorado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2018
- RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- SCHWINGEL, Carlo. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos. Proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2009.
- WERNECKSODRÉ, Nelson. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.